

DEPOSITADO Litographia Guedes, Rua da Oliveira do Carmo, 12

MONARCHIA LEGITIMA E AGUA PURA

CARLOS ZEFERINO PINTO COELHO

Se Lisboa não lhe deve de todo em todo o pão que come, pode afiançar-se que em grande parte lhe deve a agua que bebe.

Quem dirá que este jurisconsulto cheio de tenacidade e de logica forense, decifrando como poucos a alma dos processos, simplesmente resolveu ficar um seculo atraz das necessidades politicas do seu tempo fazendo-se chefe do moderno *sebastianismo* portuguez sem se lembrar de que, para o regresso do velho regimen, não ha já manhãas de nevoeiro possiveis desde que os povos se acostumaram á vida alegre e facil do constitucionalismo, dentro do qual não ha nobre que olhando os sapatos da plebe possa dizer—*d'estas tombas não deitarei*, nem sapateiro que ámanhã não possa encontrar em cima da sua tripeça uma corôa de visconde?...

Com a leitura aturada dos cauzidicos, o Sr. Pinto Coelho adquiriu um pouco o amôr da contradição. Aqui está porque elle nas causas civeis vae adiante de todos e na causa do absolutismo está ainda em 1819. Nos interesses sociaes do seu tempo viu uns autos aonde, cheio de nobre convicção, escreveu pauzadamente—*provará*.

Entretanto ainda em Portugal não viu a luz do sol peninsular homem que mais de prompto atinasse com a necessidade verdadeiramente imperiosa da sociedade portugueza.

O Sr. Pinto Coelho chegou um dia á sua janella e vendo a multidão que passava, somnolenta e melancolica, cheia d'aborrecimento e de tristeza, arrastando pelo calvario do Chiado os joannetes da vida ao passo que ia cossando problemas politicos na cabeça e tirando objectos clandestinos do nariz, o Sr. Pinto Coelho bateu na fronte uma palmada cheia de convicção judicial, bradando:

—Já sei! A necessidade mais instante d'este povo não é, nem a instrucção obrigatoria, nem a egualdade perante a lei, nem a inviolabilidade do cidadão, nem a liberdade de consciencia. De que o povo portuguez precisa não é d'uma utopia; de que elle necessita é d'agua.

O Sr. Pinto Coelho, com a celeridade do relampago, tinha avistado uns poucos de seculos de caspa acumulados sobre o craneo d'uma naciolidade e comprehendeu logo que os seus concidadãos não precisavam de se remir; de que elles careciam era de se lavar.

Nenhum ponto de vista mais positivo e mais hygienico. Mas ao passo que o illustre advogado tem assim a comprehensão *realista* d'uma necessidade publica, vemol-o por outro lado professar um respeito fetichista pela *realeza* do direito divino.

Avistamol-o n'uma lucta titanica e administrativa, persuadindo os homens e os capitaes do seu paiz de que é necessario, como acto humano e operação commercial, trazer as aguas do Alviella a Lisboa; mas vemol-o ao mesmo tempo partir para longiquos paizes com um cesto de terra representando um simulacro do terrão patrio a fim de que sobre essa *illusão* nasça uma promettedora vergontea da velha realeza foragida.

Que o distincto advogado comprehendesse que um jarro d'agua é muito mais efficaz para lavar a cara do que a outhorga d'uma Carta para remir um povo admitte-se; agora o que não se percebe bem é como elle, pondo a peito a limpeza dos seus concidadãos, quizesse outra vez trazer-lhes para casa a teia d'aranha secular que elles já haviam vasculhado das instituições!

Entretanto, com todas as suas contradições, d'estas duas crenças nunca ninguem o desarreigou: monarchia legitima e agua pura. Se a tenacidade d'um homem fosse capaz de canalisar as crenças da mesma forma que se canalisa um rio, já hoje todos os habitantes de Lisboa tinham em casa a *legitimidade* nos contadores a duzentos réis o metro cubico.

O Sr. Pinto Coelho é um orador facil e correcto, contradictor habilissimo, argumentador perspicaz. Ainda não ha um anno que n'uma lucta de palavra venceu o Sr. Martens Ferrão, que na oratoria se pode considerar o gigante mais massador da peninsula. Um Golias com a dignidade d'Aio e o cargo de Procurador Geral da Corôa —e da somnolencia.

As horas que lhe sobejam dos autos, da *realeza* e das aguas, dá-as o Sr. Pinto Coelho á musica. Compraz-se em ouvir as primas-donas e os tenores, e enche-se de mais beatitude escutando uma aria de Bellini do que uma sentença d'um juiz. Supõem mesmo alguns que o famoso advogado, na solidão das suas crenças, não pode deixar de tanger qualquer instrumento de vento ou de corda afinando pelo diapasão dos seus principios a *aria do regresso* que ha quasi meio seculo é ensaiada pelo partido da legitimidade sempre convencido de que a hade tanger n'um dia que, já agora, vae tardando muito em chegar....

O *Album das Glorias* dá hoje esta physionomia como uma das mais acentuadas e mais energicas do seu tempo. Eis aqui o primeiro homem que depois de Moisés foi capaz de bater com a sua bengala na cerca das Monicas fazendo correr um rio em Lisboa!

JOÃO RIALTO.

TYP. RUA AUGUSTA, 23